

Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário * 22 de Outubro de 1977 * Ano XXXIV — N.º 877 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Areias do Cavaco

Aos leitores, aos amigos das chegas O GAIATO, vão estas linhas, em estilo de carta aberta, com as notícias há tanto tempo desejadas da nossa Casa do Gaiato de Benguela, em Angola.

O silêncio tão prolongado sobre a nossa vida, não foi sinal de morte, nem de esquecimento. O dia-a-dia da nossa vida, sobretudo nos últimos tempos, foi de tal modo sorvedouro de energias, que nos roubou o tempo, a disposição para transmitir ao papel, a grandeza, a beleza dos momentos vividos nesta hora grande e também dolorosa de uma nova Nação que nasceu por entre dores de parto, a que não ficamos alheios. Partilhámos à nossa maneira o sofrimento de

um Povo, que tendo vivido na sua Paredes, como se fosse seu próprio lar, nela encontrando a ajuda e o conforto que lhes faltava em suas aldeias.

Ali, uma mãe deu à luz a filhinha que trazia em seu seio, na noite mais dolorosa por que passámos. O refeitório se enchia mais do que uma vez à hora da refeição, onde todos comiam e ficavam saciados. Até que puderam regressar às suas casas. Foram horas grandes em que se misturavam a dor e a alegria de quem veio e estava para servir.

E continuamos. A Igreja é Mãe e, por missão específica, dos mais pobres. E quer exercer o seu carisma de Mãe nos momentos mais difíceis dos Seus filhos. Por isso ficamos e continuamos. Se não puder ser doutra forma, pelo testemunho silencioso que, à maneira de fermento, é fecundante.

seus paredes, como se fosse seu próprio lar, nela encontrando a ajuda e o conforto que lhes faltava em suas aldeias.

Ali, uma mãe deu à luz a filhinha que trazia em seu seio, na noite mais dolorosa por que passámos. O refeitório se enchia mais do que uma vez à hora da refeição, onde todos comiam e ficavam saciados. Até que puderam regressar às suas casas. Foram horas grandes em que se misturavam a dor e a alegria de quem veio e estava para servir.

E continuamos. A Igreja é Mãe e, por missão específica, dos mais pobres. E quer exercer o seu carisma de Mãe nos momentos mais difíceis dos Seus filhos. Por isso ficamos e continuamos. Se não puder ser doutra forma, pelo testemunho silencioso que, à maneira de fermento, é fecundante.

A Obra da Rua é filha da Igreja e, com as limitações inerentes à natureza humana, quer continuar fiel à sua missão.

Na hora actual que Angola vive, tem sido respeitada e querida pelo bom Povo desta terra. Vamos vivendo o dia-

Cont. na 4.ª pág.

Setúbal

A História é um grande espelho onde cada homem e cada sociedade se devem rever e criticar.

Há diversas formas de espelhos. Uns apresentam-na expressiva, no mais pequenino pormenor da sua realidade. Eu refiro-me a espelhos de cristal límpidos, lisos e iluminados pelo sol do meio-dia, sem núvens, nem névoas. Desses que nos transmitem a imagem autêntica.

Pela história se vislumbra o futuro, dado que o homem é sempre o mesmo, ainda que diferenciado por graus de cultura ou de níveis de civilização. Ela demonstra quase matematicamente que os pilares das sociedades são os seus valores morais e humanos. Quando estes ruem, aquelas esmagam-se.

O presente torna-se assim uma profecia tremenda do futuro.

Estas conclusões são bem conhecidas por todos os habilidosos destruidores do homem.

Após a corrupção dos valores humanos, a presa é fácil... O pobre, é muito ignorante e facilmente influenciável, sem capacidade crítica; torna-se um boneco nas mãos dos demagogos ou pseudo-intelectuais.

Os meios de comunicação social, sobretudo o áudio-visual, como a Televisão, poderiam ajudar tanto as nossas gentes!... Mas não. Não sabem. Estas coisas estão escondidas aos grandes e aos sábios. Só os pequeninos as conhecem! É a verdade eterna.

Tanta gente a viver sem saber aproveitar a vida! Tanta gente a destruir-se sem dar por

Cont. na 3.ª pág.

PRESENÇA

É verdade! A «Ford» desta Casa de Benguela também merece aparecer aos nossos Leitores sob esta epígrafe. Ela é uma presença da Igreja dos Pobres nesta cidade e seus arredores. Tal como outrora do «Morris» de Pai Américo, apetece-nos falar dela como de uma quase-pessoa.

Não refiro os serviços que lhe cabem à semana. Então é de coisas que se trata e ela fica reduzida às suas prosaicas dimensões de veículo que carrega até 8 toneladas. Mas aos domingos é promovida à categoria de autocarro. De manhã, quando P.e Manuel vai celebrar a Missa das 10 horas em N.º S.º do Pópulo, ela é o transporte dos nossos Rapazes que vão tomar seu banho nas águas mansas e mornas da Praia Morena, ou jogar no campo da JOC, ou estender as pernas nesta linda cidade de pracetas e jardins. De tarde torna a sair e então o seu préstimo universaliza-se: São os nossos Rapazes; são os Bebés do Abrigo dos Pequeninos que

as Irmãs do Santíssimo Salvador têm à sua conta; são as Mocinhas da Casa de Trabalho que as Doroteias fundaram e dirigem. Se houvera mais alguma Instituição consagrada

aos sem-ninguém, decerto ainda caberiam, que o espaço na nossa «Ford» não se mede em unidades comuns, senão nas da grandeza — Caridade Fraterna, para a qual o milia-

gre de multiplicação é a regra.

Cerca das 15 horas, a «Ford» arranca com quase toda a nossa Comunidade de 125 Rapazes. Geralmente, alguns dos mais velhos ficam na cidade e cedem lugar aos Pequenitos do Abrigo e às Raparigas da Casa de Trabalho. Mas, outras vezes, vai todo o mundo a pas-

Cont. na 4.ª pág.



Como não é possível mostrar a «Ford» — será no próximo número — eis uma bela vista da Casa do Gaiato de Benguela.

TRABALHO

UM APELO

A máquina offset — de Paço de Sousa — não tardará a entrar em acção. E precisa de trabalho. Muito trabalho!

Até agora, contra a nossa previsão!, mais ninguém respondeu ao apelo lançado n' O GAIATO. É pena! Há muitos leitores, ou empresários, que nos poderiam dar a mão, partilhando connosco um pouco do muito serviço d' impressão offset que mandam executar.

A título de exemplo lembramos as agências de viagens; as empresas que editam assiduamente catálogos dos seus próprios artigos; as que se dedicam à publicidade; os laboratórios farmacêuticos; as sociedades ou fábricas que, à roda do ano, gastam milhares ou milhões de etiquetas em garrafas, latas, caixas, etc.; não falando das que consomem toneladas de embalagens impressas em offset adequadas aos produtos fabricados.

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

LUGAR AOS NOVOS — Há quase trinta anos que era o mestre da carpintaria.

Trinta anos de doação à formação profissional dos nossos rapazes carpinteiros.

Agora, o «Ti» Jesus aposentou-se. Quando os anos começam a pesar e o corpo pede descanso, se o espírito é activo transforma o labor em rotina e a experiência é que age. É então necessário dar a vez aos jovens. Começa então uma nova imaginação aliada à vontade criativa e nascem novas formas.

Ficaram doze rapazes na carpintaria. O senhor Manuel de Jesus procurou dar-lhes a sabedoria da sua experiência. Agora, eles são responsáveis. O Martins é o chefe. A orientação que recebeu, associada à sua habilidade e inteligência, tem que a comunicar aos mais novos.

Mais talentos foram distribuídos. Há que fazê-los render. Não se pode dar só o que nos deram. Tem que se dar mais aquilo que conseguimos apurar com o que nos foi confiado. Temos que progredir!

NOVOS CHEFES — É na responsabilidade que se evidenciam os valores.

Fizemos eleições. Sem propaganda eleitoral. Sem coacções de qualquer espécie. Apenas a integridade na consciência da escolha certa em cada um. Não houve confidências. O resultado foi inesperado.

O Luís ganhou a maioria absoluta dos votos no primeiro escrutínio. Nunca havia tido grandes responsabilidades que lhe evidenciassem características de chefe. Mereceu a confiança dos rapazes. Esperemos que a continue a merecer.

Ficou como sub-chefe o Zéquita. Depois, o «Sprint» e o Zé Albino são os colaboradores mais próximos.

Pimenta Teles e Saudade — radicados no Brasil — comemoraram, recentemente, nas Termas do Luso, as bodas de prata matrimoniais. Na festa, entre convidados e familiares, estiveram representantes da Obra da Rua que transmitiram ao feliz casal um abraço amigo de todos nós.



A responsabilidade é grande e pesada, mas «a união faz a força» e, quando se é jovem, há que não ter medo do que é difícil.

Coragem e perseverança. Começar é fácil...

VINHO NOVO — Pois é, os velhos têm que dar lugar aos novos.

Esvaziaram-se cubas e pipas e hoje chegam os cachos às dornas que hão-de encher aquelas de novo.

Hoje é dia de vindima. Não sou capaz de descrever a alegria da rapaziada, pois encontro-me entre quatro paredes a puxar pela imaginação e não encontro ponto por onde pegar.

Este ano o vinho vai ser pouco. A mãe Natureza não foi pródiga no clima propício às uvas; e o míldio, apesar da guerra que os nossos sulfatadores lhe fizeram, estragou uma grande parte.

Bem, agora peço desculpa, mas não resisto mais à tentação de ir provar um baguito. Não vos convidado, mas não é por indelicadeza, porque quando lerdes estas notas decerto que o vinho já estará a fermentar.

Lita

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

UMA SUGESTÃO — Ela vinha triste, deprimida.

— Não tenho dinheiro p'ra comprar uma garrafa de gás...!

É aquela vendedeira ambulante, a ficar já trôpega de doenças.

— Ontem, o negócio não deu pra nada! Se ò menos já tivesse a minha reforma...

Não a tem por via de um impasse de quem tratou da papelada e dos serviços que lb'a empatarem ainda mais, o que nos levou a recorrer ao Terreiro do Paço. Agora, esperamos que decorra, pelo menos..., o prolongado prazo.

Nestas circunstâncias — diria Pai Américo — a Providência deveria ser mas é providência.

Entregámos à pobre mulher mais uma nota pesada. Outras seguirão, com certeza, enquanto não chegar a pensão a que tem direito!

— Estou a ver que só arrecebo no cemitério...! — acrescenta com fina ironia, d'olhos embaciados.

Acontecem muitos casos idênticos pelo País fora, enquanto decorre a morosa ultimização das pensões de velhice, que fere a dignidade dos Pobres, dos Trabalhadores — não tenhamos dúvida! — forçados a estender a mão para não morrerem à fome, quando têm dinheiro seu capitalizado nos fundos do Seguro Social. Depois... — se forem vivos — recebem *boladas* a que não estão acostumados...!

Era tão simples resolver o problema com o dinheiro dos próprios Trabalhadores, tão simples!, desde que humanizassem a *máquina* um pouco mais! O requerente, em necessidade, abordaria uma assistente social da Caixa, que se inteiraria do problema, confirmaria direitos e responsabilizaria pela emissão imediata d'abonos até à ultimização do processo.

Sabemos de uma Caixa que, noutros aspectos, supre dificuldades. A assistente social inteira-se do caso e, depois, inquirir no domicílio do pensionista. Já servimos de cicerone a uma delas, moça com espírito de recoveira dos Pobres. Foi uma rica troca de experiências.

PARTILHA — Para acudir a todos os casos que nos surgem, dia a dia, os nossos amigos estão sempre presentes! Uma vez menos, outras vezes mais. Mas estão. Sem eles jamais poderíamos estender ou concretizar a nossa acção.

A cabeça temos a «Assinante do Seixal» com a partilha do seu salário mensal: 1.200\$00. Outra assinante, a n.º 5591, com 100\$00. Mais 500\$00 de uma senhora, velha amiga, que nos visita assiduamente. «Uma portuense qualquer» não falta; aqui está com 120\$00 «para ajuda das despesas que a vossa Conferência suporta para amparar tantos Irmãos carecidos de tanta coisa» e com o desejo de começar a remeter mensalmente uma migalhinha com essa finalidade. São os melhores subscritores! Muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

FÉRIAS — Terminaram ou estão a terminar as férias. Para nós, gaiatos, foram quinze dias em S. Julião da Ericeira. Bem merecidos e bem aproveitados.

Felizmente que ainda muita gente neste País, assolado por tudo e por mais alguma coisa, consegue vencer as dificuldades impostas pela carestia da vida. Daí que muitos dos nossos compatriotas reúnem a família e partam para férias com planos cuidadosamente estudados para fazerem render os exíguos tostões que levam no bolso, amalhados durante um ano de trabalho.

Campo ou praia, cidade ou aldeia, todo o lugar serve, consoante as preferências e as necessidades físicas e espirituais de cada um; e, ainda, vamos lá, aquilo de que já falei, o dinheiro.

Depois da vida activa de trabalho no dia-a-dia, depois das obsessões e da agitação da vida citadina faz bem um recolhimento ou relaxamento para retomar o equilíbrio de nós mesmos.

Importa, pois, umas férias bem aproveitadas. Úteis e enriquecedoras. Está em jogo o retemperar as forças para mais um ano de trabalho tão necessário ao País. Pelo menos assim consta...

Pena é que muitas vezes se faça do tempo de férias uma oportunidade para um desgaste ainda maior. Há ocasião para um recolhimento no seio da família e do silêncio para uma revisão interior, aproveitando a pureza do ar livre do campo ou da beira-mar. Em vez disso utilizam-se, por descuido ou por vício, os tempos livres em actividades puramente mundanas. Procuram-se ambientes altamente sofisticados. Ambientes de realidades camufladas. Ambientes de depravação moral onde o dinheiro é a «arma». Onde tudo se pretende comprar. Repousar o corpo e o espírito consiste na escravização do seu semelhante, na humilhação deste para satisfação dos instintos. A riqueza (o luxo) coexiste com a miséria. Estão lado a lado e a primeira não se apercebe ou não se quer aperceber da segunda.

Males do nosso tempo que desejamos ver extintos...

Passadas que são as férias vem a labuta. É a hora de recomeçar. É a

ONDAS VAGUEANTES

Paredes e depois casa; Trabalho, depois descanso; Esta vida é só fumaça Que precisa de balança!

Quem poluir a Natureza Deverá ser deficiente, Pensando bem com certeza Ela faz bem a toda a gente.

O mundo inundado d'armas Tenta ser um bom amigo... Mas ele tem tantas falhas Que vai sendo um perigo!...

Pobre aqui, Pobre ali, Ao qu'ele havia de chegar! É pena q'andem pr'ai vadio, A tentarem-nos levar...

Vale a pena a Caridade Neste mundo não verdadeiro, Onde poucos procuram Felicidade E muitos procuram dinheiro...!

Quando chegarem as guerras Mostra-te homem corajoso, Não deixes qu'as feras Te façam um homem raivoso.

Nas cidades há Miséria, Nas vilas Misérias há; Quando chegará o dia Em que a Miséria acabará!?

Não sou poeta Nem disto gosto de falar, Quando olho p'ra minha Meta Tenho receio de não chegar!...

João do Carmo Saúde

vida que recomeça com novas formas e, que, afinal acabam por serem sempre repetidas e sempre tão semelhantes todos os dias.

Lamentamos que muitos continuem sem partilhar dessa vida nova. Que o emprego continue a ser para eles uma miragem.

ENSINO — Recomeçou o trabalho escolar, trôpego ainda em alguns pontos, em alguns sectores do Ensino. Aliás, é um facto que já se vem constatando há alguns anos.

A nossa juventude depara com novas e maiores tarefas e um programa novo, se é que já está definido. Os trabalhos enfrentam-se. Porém, a disposição não deve ser muito alegre. Há um enorme desejo de solidificar as bases para o futuro, que não se vislumbra promissor!...

Há ainda muitas dúvidas quanto aos caminhos a tomar. Os responsáveis por este sector aparentam enfermar de algumas hesitações. Daí, resultam os inevitáveis atrasos. Quem sofre com tudo isto? E quem paga?

Não lastimemos tanto, que não é de admirar. Sempre que há uma revolução as coisas são assim. E as culpas, essas, já sabemos a quem devemos atribuí-las...

Jorge

Lar de Coimbra

Fim de férias. Tenmo da nossa estadia, durante três longos meses, na nossa Casa-mãe, em Miranda do Corvo.

Férias em que nos afastámos da teoria dos livros para nos integrarmos na prática. Uma vez mais nos proximamos e sentimos a realidade de uma enxada, de uma marreta, uma picareta, ou um pincel e tinta.

Enfim, cada um desempenhando o seu papel, a sua profissão de momento.

É com alegria que vemos a chegada das férias. Mas depois de tão dura experiência, é enorme o prazer que sentimos quando aos ouvidos nos chegam as palavras de alguém que diz: «Vão começar as aulas».

E assim é, de facto.

As aulas começam. Ou por outras palavras, já começaram.

Uma vez mais, muito generosamente, a Cooperativa de Ensino de Coimbra (C.E.C.) nos recebe.

Aqui, de cada um de nós depende a aceitação ou a não aceitação de um compromisso. Compromisso que consiste simplesmente na nossa total doação ao estudo, ao trabalho. Aliás, não é por nenhum outro motivo que nos encontramos neste Lar e nesta cidade. E não foi se não essa a intenção de certas Senhoras amáveis ao lutarem — vencendo — pelos nossos direitos. Pelo direito ao Ensino. Pela nossa valorização intelectual, para mais tarde podermos ser úteis a uma sociedade que nos rejeitou e que se debate envolto nos limos por si própria criados.

Começam as aulas. Aí vamos nós a caminho, na construção do nosso futuro.

Nos rostos estampa-se a alegria, a curiosidade, o entusiasmo.

Ao princípio não nos falta a von-



Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procissão entusiasma pelo número e pela qualidade!

Temos diante de nós a correspondência recebida ultimamente. É um maço de presenças riquíssimas d'amizade e sinceridade. Mesmo daqueles que mal nos conhecem, que lendo um só exemplar ficam logo dedicados a O GAIATO.

Principiamos exactamente por este grupo. Uma carta do Algarve:

«Acabo de ler, pela primeira vez, O GAIATO. Eu, como rapariga de 18 anos, também gosto de ler o vosso jornal.

Desconhecia por completo o jornal. Mas acontece que minha mãe faz semanalmente uma limpeza à igreja de Santa Maria... E, por mero acaso, da última vez, fui fazer-lhe companhia e também ajudá-la. Deparei com alguns jornais O GAIATO. O título despertou-me a atenção e levei um para casa. Li-o do princípio ao fim. Achei-o bom. E pensei escrever, porque gostaria, além de pagar, receber todos os números.

Fico muito grata pela atenção que me possam dar. E espero muito brevemente o próximo O GAIATO.»

E que dizer daqueles que, não topando assiduamente os pequenos vendedores de O GAIATO, tomam — e muito bem — a iniciativa de suprir a carência pela sua inscrição directa no rol dos assinantes?

Ouçamos um amigo de Setúbal:

«Sempre que posso, e o encontro, leio sempre O GAIATO. Mas o que é facto é que sucede nem sempre ter a dita de o encontrar! Por isso, queria ler constantemente o vosso jornal, porque as alegrias vossas, de que ele é portador, me contagiam também.»

Aí vão mais a pedir o jornal por suas mãos.

Coruche:

«Tendo lido um dos vossos exemplares, ainda trazido de Angola, resolvi, nesta altura, tornar-me vosso assinante.»

Lisboa:

«Tendo hoje comprado O GAIATO lembrei-me que há muito desejava assiná-lo, por ter a maior consideração pela Obra da Rua desde o seu início.

Tenho dez filhos e uma vida

tade, a força para vencer por completo um ano escolar. Um ano, no qual os mais batidos na matéria prevêem certas dificuldades.

A Fé é que nos salva. Tudo se resolverá pelo melhor.

O Zé «Pinheiro Manso», o Carlos, o Fernando, o Adelino e o Paulito estão no 1.º ano do Ciclo Preparatório. São os novos.

Cinco meninos que têm à sua frente uma longa caminhada.

E todos nós vamos caminhar mais um ano. Que seja um ano feliz.

Nicolau

cheia de afazeres e complicações.»

Mãe heróica!

Agora, passa um grupo de semeadores. Faz-nos bem ouvi-los.

Albufeira (Algarve). Diz a «revolucionária pacífica»:

«Estou muito satisfeita pois O GAIATO vai sendo semente que cai em terra que germina. Mais um assinante (...).

Que a chama se propague indefinidamente, é quanto desejo.»

Barreiro:

«Venho pedir o favor de mandarem O GAIATO para...»

Calhou ir lá arranjar os dentes, falei na vossa Obra, no jornal, prometi levar um, o penúltimo. Não levei mais porque depois de os ler entrego-os a uma senhora. Por cá é muito

pouco conhecida a vossa Obra...!»

Viseu:

«Não esqueço a gigantesca figura do Padre Américo!

E, porque o tenho presente, estou vinculado pelo coração à Obra da Rua, que vivo como se tivesse sido um dos seus semeadores. E, como a não esqueço, aqui vão mais três assinantes para O GAIATO.

Isto é como a pequena bola de neve que rola do cimo da montanha até ao sopé, tornando-se por tal motivo muito maior.

É necessário alertar e mentalizar muitas consciências para que O GAIATO se difunda e propague.»

Porto:

«Passem a enviar O GAIATO»

«FRESCOS» PARA A VIDA

Um dia destes comprei O GAIATO. (...) Este jornal que foi sempre uma voz de justiça e de luz, sobre a «miséria» da sociedade, continua igual: quem luta pela verdade nada tem a rectificar. E, como sempre, as suas crónicas e correspondências, a sua «prosa» afirmam a «revolução» da justiça. Um pequeno jornal que é um exemplo para os dias que correm. Explico. Nunca tivemos tanto que ler, à nossa disposição, sobretudo jornais; nunca a im-

prensa se armou de tantos instrumentos de propaganda (partidária ou não) mas com grande número de publicações em uniformidade e repetição... Cansamo-nos porque se repete o mesmo, batendo constantemente na mesma tecla partidária ou interesses de tendência e de clã.

E' por isso que faço esta comparação e refiro O GAIATO. Da nossa imprensa diária, geralmente, tiramos o «fastio» saído do facto de se mastigar demasiado a mesma coisa; fica-

TO para minha mãe, que esteve uns dias em minha casa, leu o vosso jornal e pediu para lhes escrever, pois gostava de o receber.»

Alto Alentejo:

«É sempre com alegria que recebo o jornal. Leio-o todo, servindo-me de meditação. E, depois, segue o destino de sempre: dou-o a uma senhora amiga, consagrada, que após o ler vai-o dando também.

Como agradecer o não terem deixado de m'os enviarem, na situação em que ficámos? Agora, já estamos melhor, graças a Deus, com as mensalidades pelas indemnizações. Mas..., que dificuldades ainda temos e temos!

Louvado seja Deus em tudo.

Deus vai-nos dando as forças para irmos trabalhando nos serviços de casa, mesmo doentes do coração. Estamos já no caminho que leva aos oitenta.

Junto esta importância... para duas novas assinaturas de O GAIATO.»

Júlio Mendes

Realmente é o que pode faltar um pouco por toda a parte: muitos discursos, muitas palavras (escritas ou não) e pouca vida no que se diz, ao contrário da acção do Padre Américo e da sua Obra — que é exemplo de coerência de vida que falta tanta por aí além; ele o «revolucionário nacional que não abandonou o País para lutar contra a opressão e a exploração (ninguém o faria abandonar ou mesmo prender, porque então eram todas as curraleiras e barredos que seriam exilados ou presos)».

E assim servirá também como «fresco» no meio da «massificação» revolucionária, que, por vezes, por aí se encontra.

N. R. — Esta nota do «Distrito de Portalegre» chegou hoje às nossas mãos, pelo «Recorte».

As referências amigas, diríamos muito amigas, a O GAIATO não desgastam o oportuno acento tónico.

Setúbal

Cont. na 1.ª pag.

isso! Tantos sem hábitos humanos que deviam ter no televisor uma fonte deliciosa de vida! Quem de entre os milhões de telespectadores portugueses tem nível crítico para valorizar a fotonovela «Gabriela»? Serão muitos?

A «resmagadora maioria» vai-se no engodo, quer pela brilhante actuação dos artistas, quer pelo sotaque cantado dos brasileiros tão do nosso agrado, quer ainda pela sofreguidão dum linguajar que todos entendem.

Mas quem critica e detesta o modelo nojento de sociedade que nos é apresentado? Quem sabe descobrir o espe-

zinhar subtil e inteligente dos valores da vida? Quem sabe distinguir e tirar partido? Os intelectuais? Só os puros e eles são tão raros!

Porquê uma novela destas no período histórico que atravessamos?

E porquê um reparo destes n'O GAIATO? Temos em nossas Casas largas centenas de crianças adolescentes e jovens que não sabem discernir. Somos pelos Pobres — as grandes vítimas.

Estamos fartos de uma verborreia panaceira que tenta encobrir uma mediocridade repelente ou uma argúcia diabólica. Não me falem assim num Portugal novo.

Padre Acílio

RETALHOS DE VIDA

O «Capitão»



Sou natural de Lamego, onde nasci a 25 de Agosto de 1962.

Chamo-me António de Jesus Fonseca e, cá em Casa, os meus companheiros meteram-me o nome de «Capitão».

Tinha dois anos quando minha mãe morreu, porque, vim depois a saber, todas as manhãs bebia aguardente em demasia.

Depois, fui para a casa de uns senhores, em Lamego, onde me sustentaram até aos quatro anos. E, a seguir, vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa na qual me encontro bem com os meus colegas.

Quando cheguei a Paço de Sousa engrenei no grupo dos «Batatinhas» até aos dez anos. Estive em vários serviços e, agora, encontro-me a tomar conta de um grupo da lenha.

Perdi muitos estudos por falta de cabeça! Mas ando já na quarta classe da Instrução Primária e vou fazer o possível para ficar bem no exame.

Não tenho mais nada a dizer. Despeço-me com um grande abraço, em especial para os nossos amigos de Lamego.

António de Jesus Fonseca («Capitão»)

Cont. na 1.ª pag.

seio. Ainda ontem assim foi. Havia jogo do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato na Baía Farta. A equipa adversária não metia grande medo; mas as condições do campo eram-nos muito desfavoráveis. Impunha-se uma grande falange de apoio. Tudo quis ir. Seriam 150, ou mais...

Não me digam que não é possível! Não me perguntem como é possível! É — e acabou!

A princípio esta infracção tão descarada das leis de viação levantou as suas objecções. P.e Manuel, com a sua voz maviosa, com o seu jeitinho muito doce, ia driblando as dificuldades:

— Ó sr. Guarda, como é que a gente há-de fazer se somos pobres e não temos «turismos»? Diga-me lá...!

E lá ia passando por aquela vez... e na próxima também.

Agora ninguém diz nada. Pelo contrário! Quando passa o camião, toda a gente saúda com acenos e sorrisos abertos, sonorizados pela algazarra da miudagem: — O gaiato! Olha o gaiato! (Até parece que apreço o jornal!)

Não importa que vão os Bébés do Abrigo, nem as Rapaigas da Casa de Trabalho, nem as Irmãs que cuidam de uns e das outras. A camioneta do gaiato irmana toda

aquela multidão juvenil; é o gaiato que passa numa pregação implícita de solidariedade entre os que, reduzidos à mesma condição de sem-ninguém, são as meninas dos olhos da Igreja que, em nome do Pai do Céu, os perilha e os quer como seus. Esta realização de fraternidade contagia os de fora. Daí os olhares carregados de estima, os sorrisos francos, os acenos de mão, a vozearia dos mais novos: — O gaiato! Olha o gaiato!

Eu tenho gozado, nos últimos domingos, esta experiên-

Areias do Cavaco

Cont. na 1.ª pag.

-a-dia que Deus vai pondo em nossas mãos, com o optimismo que tem suas raízes na Fé que nos dá a certeza de que é Ele que tem em Suas mãos o sentido oculto da História. Esta certeza nos dá ânimo para confiarmos, empenhando-nos cada vez mais na construção de uma Angola onde haja paz, fruto da Justiça; onde haja Liberdade, fruto do respeito pela dignidade do homem; seguindo e acreditando na força e eficácia do Amor como único caminho para uma convivência humana em que o

homem olhe para o homem como Irmão.

Estamos bem. Em nossa Casa vivem cerca de 130 filhos do nosso Povo. Eles são o nosso escudo, a nossa segurança, a força que nos obriga a ficar.

Aos amigos que nos escreveram e não receberam resposta; aos que vivem preocupados fazendo suas as nossas aflições, pela falta de notícias; para todos os membros desta grande Família — de fora e de dentro — um abraço amigo e agradecido do

Padre Carlos

homem olhe para o homem como Irmão.

Estamos bem. Em nossa Casa vivem cerca de 130 filhos do nosso Povo. Eles são o nosso escudo, a nossa segurança, a força que nos obriga a ficar.

Aos amigos que nos escreveram e não receberam resposta; aos que vivem preocupados fazendo suas as nossas aflições, pela falta de notícias; para todos os membros desta grande Família — de fora e de dentro — um abraço amigo e agradecido do

Padre Manuel António

traga Paz a todos os Homens de Boa Vontade.

Padre Abel

Reflectindo

Pai Américo ao estruturar as Casas do Gaiato quis respeitar os dons de cada rapaz, pon-do esses dons ao serviço da comunidade em que está inserido.

Não teve medo das limitações deles; arriscou. Contou com eles, colocando-os nos lugares de chefia de cada Casa, segundo as necessidades e capacidades de cada um. Esse risco vem continuando a ser corrido ao longo destes anos.

Tudo o que é feito pelos homens é obra de contradições marcadas pela cruz. E cruz que ao fim ao cabo todos temos que assumir. Assim também as Casas do Gaiato não fogem à regra e as alegrias que o dia-a-dia nos vai dando (no vermos crescer para a vida os rapazes, no vermos o ultrapassar das dificuldades impressas em cada um pelo seu próprio drama) são vividas à custa de horas difíceis e de sofrimento.

Dizia-me alguém que conheci ocasionalmente: «Entre o sonho e a realidade, o sonho tem sempre a melhor parte». A verdade é que se consegue realizar sempre menos do que se desejaria, que a insatisfação é um perigo constante em quem não quiser fazer da vida um mero passar das horas. Digo que a insatisfação é um perigo na medida em que tem dois vectores de força. Um positivo que impulsiona, que procura o ultrapassar e o transformar

das situações; outro negativo, que motiva o desânimo e a passividade. Procurar manter vivo em nós o lado positivo da insatisfação, abafando o negativo, é um dos segredos do saber viver, pisando certo os caminhos que temos a percorrer.

A vida é um mistério fabricado de beleza e dor, de desejo de absoluto e de metas curtas que vamos atingindo. Esse mistério é sentido nas Casas do Gaiato de uma forma brilhante... É a beleza sempre viva do amor, da renúncia de tantos amigos que não deixam de marcar a sua presença, a sua ajuda; é o resultado de toda a formação dos rapazes que, apesar de tudo, se vai conseguindo; é o desvendar de actos de generosidade, de trabalho, de crescimento interior daqueles que vão assimilando a verdadeira vida... Mas é também a luta constante, o cansaço; aqueles que não ultrapassam os seus defeitos; são as horas em que tudo parece menos claro. Tudo isto é, pois, uma mistura dura, forte e que só com Deus pode ser diluída em Paz.

É, pois, necessária a grandeza de Deus, nesta vida que é «grande» porque feita de milhares de coisas pequenas nas quais temos que construir a alegria.

Que Deus esteja presente a impulsionar a Boa Vontade de cada um. Que Ele na verdade,

Aquela manhã foi cheia, a transbordar!

Em serviço dos Outros fomos a uma paróquia serrana. Capelinha muito antiga, em cujo lugarejo — segundo dizem — abancaram mouros noutros tempos. É terra bravia; e dela cultivada com dificuldade.

Ali, o pastor d'almas é estrela dos Magos, é juventude, é porta-voz desempoeirado do Vaticano II. Os textos litúrgicos comenta-os em linguagem acessível, com oportunidade. Além de esclarecer a Fé, dá pistas concretas de reflexão, de Salvação no amor aos Outros.

Hoje, rapa do recorte de um matutino. Lê-o à comunidade. Um caso de vida urbana que achou por bem transmitir aos rurais. Aqui está:

«Sempre me tocou o coração ver os cachorros, sem dono, a comer nos caixotes do lixo, mas ontem vi um homem. Era um moço bem mais novo do que eu. Teria para aí uns vinte anos. Foi na Rua da Alegria (Porto), naquele tempo morto do intervalo do almoço.

Do interior do estabelecimento onde trabalho, protegido pelo reflexo do vidro da montra, vi o homem aproximar-se do caixote do lixo. Olhou em redor e, como não visse ninguém, começou a devorar à pressa os restos de comida que para ali

Cont. na 1.ª pag.

Longe de nós indicarmos a vastíssima gama de serviços que poderíamos tomar conta para o funcionamento da máquina e formação profissional dos nossos Rapazes — objectivo primário da aquisição.

Esperamos que o apelo não caia em saco roto! E apareça a colaboração amiga dos nossos leitores.

Entretanto, não podemos deixar de sublinhar a extraordinária generosidade de quem — não tendo à mão trabalho que nos dar para a offset — partilha a sua amizade. É impossível referir todos. Tampouco fazer procição. Ouçamos, pelo menos, duas presenças muito amigas. Porto:

«Foi com grande satisfação que li n' O GAIATO a notícia «Presença»: que em Angola a Igreja progride, aumentando, nas dioceses criadas, os bispos e arcebispos naturais dessa nova Nação.

Todos os dias, nas minhas pobres orações, incluo os irmãos angolanos, pedindo a Deus — que é de todos, independentemente de cores e raças — que aumente a fé em Cristo Salvador.

Para ajuda do pagamento da offset mandei a 16/9 um cheque de 20.000\$00. Tendo já pago o imposto complementar e agora a contribuição, dei balanço e encontro nas minhas disponibilidades a possibilida-

de de reforçar a ajuda. Para o efeito mando mais um cheque de 20.000\$00, confiante que Deus me continuará a vida com vontade de partilhar do que me confia.»

É um professor catedrático da Universidade do Porto.

Linda-a-Velha:

«Aqui vai um desabafo.

Muito gostaria de poder mandar muito mais, pois sempre que recebo O GAIATO eu sinto que, se todos, mas todos aqueles que podem, ajudassem os Pobres repartindo o que têm a mais, a vida seria melhor.

Confesso que, neste momento, também poderia mandar um pouco mais; mas creia que também tenho que repartir com outros que também precisam. E são tantos, santo Deus...

Uma coisa me alegra a alma: penso que os que mais sofrem cá neste mundo melhor viverão no Outro; e este mundo, creio eu, é apenas uma passagem.

Não queria alongar-me. Toda eu sofro com o sofrimento alheio. Só peço a Deus que tenha compaixão de todos e a todos ajude nas suas horas difíceis.

Este dinheiro, em princípio, será para ajuda da máquina offset, de que tanto precisamos os vossos Rapazes...»

Não esqueçam de nos mandarem trabalho, muito trabalho!

Júlio Mendes

Desemprego

estavam. Já por lá tinham passado os cães e as varejeiras.

Sai do estabelecimento, e meti-lhe uma nota nas mãos. Mandei-o que fosse almoçar. Antes de partir, o moço confessou-me que estava desempregado. Tinha vergonha e receio de estender a mão à caridade: vergonha por nunca ter pedido, e receio por medo de que o tomem por mais um dos muitos «pedintes falsos» que por aí abundam.

Não tenho comentários a fazer, mas fico a pensar muito seriamente nas tiradas de bem-estar, democracia e socialismo com que me apedrejam todos os dias os ouvidos.»

Ninguém pode ficar insensível ao terrível drama do desemprego! «O problema deste moço não se resolve com uma nota

nas mãos» — afirma o pároco. «Ele precisa de duas ou três refeições todos os dias. Ele precisa de trabalho!» E desfia por aí fora, sublinhando que o relançamento do País não pode ser feito com demagogia, sistematicamente atribuindo culpas; mas, primeiro, ser obra de cada português, de cada comunidade em que estamos inseridos.

Pareceu-me ouvir o Pai Américo!

As coisas grandes são feitas assim mesmo, de coisas pequenas, individualizadas. E é da soma de todas que poderemos ter (ou ser) aquilo que desejamos — que precisamos: mais trabalho, menos (ou nenhum) desemprego, pão para todos os portugueses!

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa